

A Classe de Religião: Comunicadora de Vida ou Letárgica?

Patrick B. Morrison

vez com oportunidades facilmente disponíveis. De fato, vários poderiam ter dado algumas interpretações sociológicas sofisticadas a respeito da letargia espiritual dos membros da igreja norte-americana.

Mas em palavras claras, ela estava correta. Nós estávamos muito confortáveis, sentindo pequeno senso de perigo espiritual ou profunda necessidade espiritual. Emocional e fisicamente, não parecia haver qualquer ameaça imediata. Mas isto ocorreu na classe de religião e uma pessoa com discernimento deveria reconhecer o perigo de tal condição complacente. A informação espiritual deve transformar a vida dos alunos ou ela pode contribuir para letargia mortal.

Para os adventistas, a integração de fé e aprendizado veio a significar que nosso sistema dá cores ao processo de educação. Em muitas disciplinas o alvo é dominar o tema, mas no caso das classes de religião o aluno deve ser dominado por ele. Isto significa que em qualquer nível que se estude teologia, ela deve tornar-se muito mais que um tópico para análise. Ela deve ser parte integral da vida. Tal conceito é melhor assimilado a partir do professor do que ensinado como parte de uma lista de coisas para se

memorizar. Para se alcançar isto, os professores de Bíblia fariam bem em aplicar a sugestão de Christopher Adsit:

*Não importa em que tipo de ministério você deseja se envolver, ele não deveria ser o resultado de excesso de trabalho, mas do fluxo, do abundante fluxo da vida, vigor e poder de Cristo habitando dentro de nós.*¹

Há, nas classes de apresentações de preceitos cristãos, o perigo real de que “fatos frios” tomem o lugar das “palavras de vida”. Um perigo relacionado é que o professor se torne tão

Vocês não precisam do céu.” Nós estivéramos discutindo o segundo advento de Jesus e tínhamos chegado à conclusão de que não há muito sentimento de urgência nos Estados Unidos, como em outras partes do mundo. Quando perguntei “por quê”, uma doce voz com sotaque Sul-Americano respondeu com a afirmação acima. Ela então explicou quanta comodidade material tínhamos e quanta falta tínhamos dos bens espirituais. Ela não estava condenando e falou num tom realístico. A maioria dos seus colegas havia crescido com informação espiritual e tal-

enamorado com as complexidades da teologia, que acabe perdendo o contato com as realidades da adolescência.

Tenho conversado com muitos seminaristas que parecem cativados pela idéia do ensino acadêmico da Bíblia. Sonham com a oportunidade de mergulhar nas abstratas questões teológicas que têm pouca relevância para a mente dos adolescentes com os quais eu estava familiarizado. Tenho conhecido professores de Bíblia experientes que ficavam surpresos ao ver que seus alunos não se mostravam cativados,

Em muitas disciplinas o alvo é dominar o tema, mas no caso das classes de religião o aluno deve ser dominado por ele.

como eles, por suas rumações teológicas acerca da natureza de Deus. Em cada um destes exemplos o professor vê a questão como “coisa realmente importante” enquanto muitos dos seus alunos provavelmente viam isto como fatos frios, não relacionados com as coisas com as quais eles lutam na vida diária.

O ministério do ensino bíblico freqüentemente significa vida ou morte para alguém na sala de aula, e o professor não tem forma de discernir a importância da lição do dia. Isto não significa que a classe deveria ser sempre ponderativa ou interminavelmente séria, mas significa que a esperança e o poder da mensagem das Escrituras deveriam ser reforçados constantemente, diariamente.

No livro *The Church Education Handbook*, Kenneth O. Gangel lembra-nos que:

*A atitude do professor em relação às Escrituras é demonstrada pela forma com que ele trata sua Bíblia na classe, como ele fala acerca dela e como ele encoraja seus alunos a usarem suas próprias Bíblias. A atitude do professor em relação ao Espírito Santo deveria ser demonstrada através da oração e pela forma como ele fala acerca do papel do Espírito Santo na classe.*²

Não há temas mais elevados, apresentados no currículo secundário, do que aqueles da classe de religião. Contudo, provavelmente não há temas em maior perigo de se perder na apatia, devido a rotineira repetição do óbvio. Muitos

alunos chegam a primeira série do segundo grau pensando que já sabem tudo a respeito da Bíblia, enquanto, de fato, eles são profundamente ignorantes a respeito das questões reais. Isto não é falta da instrução deles. Isto é mais uma questão do preparo deles.

Um dos privilégios do professor de Bíblia é ver a “chegada da luz” quando os alunos descobrem a relevância de algo a que já foram expostos muitas vezes antes. A observância do sábado e outras questões relacionadas com o estilo de vida são freqüentemente assimiladas desta forma. Quando o trabalho escrito de um aluno indica percepção — não apenas a mecânica da salvação, mas também uma apropriação pessoal de vida plena, agora e para a eternidade — esta é a realização real. Contudo, isto requer muito mais que simples aquisição da informação certa. É a combinação de fatos com maturação, convicção espiritual e com o papel modelador do professor.

O professor secundário de religião deve ajudar seus alunos a adquirirem uma série de valores, baseada em integridade pessoal e estudo. Não é mais suficiente, neste estágio, que o jovem faça as coisas certas e mantenha a paz com seus pais e outras figuras de autoridade. John H. Westerhoff, no livro *Tomorrow's Church*, observa que: “A educação cristã necessita ajudar as pessoas a moverem da fé transmitida através da fé questionada, para a fé possuída.”³

Tal processo não é grandemente promovido por uma abordagem didática de fatos-e-cálculos. É tempo de fornecer os instrumentos de análise, síntese e avaliação do material bíblico. Certamente os alunos ainda necessitarão memorizar fatos importantes, mas este requerimento deve ser validado por questões relacionando a importância dos fatos para a fé e a vida. “As expressões aprofundam as impressões” pode soar como um clichê, mas ainda não fui capaz de melhorar este conceito. Abordagens úteis podem ser encontradas no livro, *Teacher's Guide for Special Methods Course: Teaching Religion in the Secondary School*.⁴

O capítulo intitulado “Ensino Como Interação e Tomada de Decisões” dedica muitas páginas aos métodos de pequenos grupos e aplaude o valor de discussões e questionamentos. Exemplos pertinentes e atividades apropriadas de aprendizado são enfatizados nos Apêndices II e IV. A interpretação de papéis, afirmações do tipo concordo-discordo e solução de problemas são contados entre os meus métodos favoritos. A afirmação concordo-discordo da qual tenho extraído maior benefício é esta:

“O sincero guardador do sábado desfruta mais bênçãos do que o sincero guardador do domingo.” Os conceitos de verdade e sinceridade não são particularizados, mas são usalmente discutidos ao acaso. A palavra “bênção” geralmente acaba sendo crucial. A conclusão é freqüentemente a seguinte: Se não há bênção adicional em se guardar o sábado, então por que incomodar os outros cristãos com esta questão? Se há uma bênção adicional, é ela óbvia em nossa observância pessoal?

É de infinito valor para o aluno secundário *confrontar* a noção de que a Bíblia é, da perspectiva do céu, uma simplificada e elementar explicação da personalidade e majestade de Deus — contudo, muitas grandes mentes humanas apenas superficialmente tem tocado seus recursos básicos.

Deixar a noção de que memorizar uma apresentação do evangelho ou um esboço de cada uma das maiores doutrinas mantidas pelos adventistas do sétimo dia constitui educação cristã adequada, é tolice. O alvo da educação cristã é produzir reverência pelo Infinito e profundo respeito — mesmo amor — por Sua criação, incluindo a humanidade.

Um discípulo fazendo discípulos

O professor de religião interessado em integrar a fé e o aprendizado deve em primeiro lugar ser um discípulo de Cristo, com o alvo de fazer discípulos. Isto parece muito evidente para ser mencionado, mas em minha experiência é uma constante luta, pois mesmo a ordenação não nos protege dos assaltos diários do inimigo. De fato, é provavelmente mais importante para um aluno estar consciente de sua abordagem aos conflitos da vida, do que, de alguma forma, pensar que deve estar acima de tais problemas. Considere esta citação do livro *Personal Disciple Making*, de Christopher B. Adsit: “Assim, o que é um discípulo? Um discípulo é uma pessoa em processo, a qual está desejosa de aprender a aplicar as verdades que Jesus Cristo lhe ensina, as quais resultarão num contínuo comprometimento com um estilo de vida semelhante a Jesus.”⁵

Quando um discípulo adulto pode tornar-se vulnerável o bastante para partilhar exemplos pessoais apropriados de lutas espirituais e soluções, o crescimento pode ocorrer. Para o aluno, tal crescimento significa ampliar seu entendimento e adquirir respeito saudável por adultos espirituais.

Exemplificando a aceitação

É importante que a classe de religião seja centralizada no aluno, em lugar de centralizar-se no professor. O valor de cada aluno deve ser comunicado através da atmosfera da classe e da ênfase do professor. Um espírito de aceitação deve ser exemplificado pelo instrutor (e possivelmente mesmo reforçado) até que genuíno apreço se estabeleça por parte dos alunos.

*Crescer em maturidade cristã requer um amigo, pai ou mãe ou professor cristão, ou uma comunidade cristã. Isto pode ser dito de outra maneira: para tornar-se um cristão a pessoa deve ser parte de um relacionamento cristão. Ela deve sentir-se aceita, afirmada, profundamente cuidada por pelo menos uma outra pessoa. Mas para se estar num relacionamento de amor com muitas outras pessoas em uma comunidade cristã, é muito melhor.*⁶

Meus objetivos para cada curso de religião que ensinei na Andrews Academy incluíam esta frase ou algo muito semelhante a ela: “Ao completar este curso você... demonstrará amorável comportamento cristão, ao demonstrar respeito por pontos de vista que diferem dos seus durante as discussões em classe.” O objetivo seguinte afirmava que “Você se aproximará de cada período de classe com reverência e cuidará do tempo destinado para este estudo. Você aprenderá a reverenciar a Deus, respeitar a si mesmo, seus colegas e seu professor.”

Há, nas classes de apresentações de preceitos cristãos, o perigo real de que “fatos frios” tomem o lugar das “palavras de vida”.

Evite embaraçar as pessoas

Durante discussões francas ou leitura de monografias, depois de requerimento escrito, alguns pontos de vista são freqüentemente expressos soando “estar por fora” da exigência da classe. Freqüentemente procuro demonstrar aceitação da pessoa e, se possível, descobrir validade em suas opiniões. Gentil, mas firmemente resisto a qualquer humilhação que os estudantes possam dirigir uns aos outros.

Uma forma de tornar a classe de Bíblia um lugar de boas-vindas é estimular a participação dos alunos retraídos, e encorajar os agressivos a incluírem outros em vez de dominarem sozinhos. Frequentemente durante os minutos antes da classe iniciar e mesmo um pouco antes do período de oração ou culto, conversas pessoais alegres podem ser saudáveis, se o professor conscientemente inclui os tímidos e retraídos sem expô-los ou exagerar na exclusão dos líderes reconhecidos e alunos regulares.

O sucesso dos exemplos acima citados depende do comportamento e credibilidade do professor. Isto usualmente toma algum tempo e

O professor de religião interessado em integrar a fé e o aprendizado deve em primeiro lugar ser um discípulo de Cristo, com o alvo de fazer discípulos.

requer considerável esforço. Desenvolver este tipo de comportamento servirá bem a você, quando se deve confrontar com questões de ameaça à vida espiritual, tais como estas: “O que exatamente é fé?” “Por que há hipócritas na igreja?” “Onde estava Deus quando o carro cruzou a linha e matou minha irmã?” Tais preocupações frequentemente emergirão nas discussões de classe ou em trabalhos escritos.

O professor habilidoso, cuidadosa e seriamente tratará em classe com tais questões, enquanto se preocupa em prover para aquele que questiona, oportunidades para o diálogo pessoal. Frequentemente o ministério do professor de Bíblia começa na classe, mas em realidade culmina no escritório, no corredor ou na área junto ao campo de esportes. As questões de fé e vida são muito importantes para serem confinadas à sala de aula, mas a atmosfera da classe controlada pelo Espírito Santo deve encorajar o início de diálogos transformadores de vidas.

Conclusão

Obviamente este artigo não é a última palavra sobre a integração de fé e aprendizado na classe de religião. Parece claro que o sucesso deste importante conceito depende do professor de religião e seu relacionamento com o céu. Um discípulo fazendo discípulos e exemplificando o

valor cristão da aceitação — isto parece um bom lugar para se iniciar uma transformação da classe de religião, de “simplesmente outra classe” em uma classe de conseqüências eternas.

Patrick B. Morrison é capelão na Andrews University, Berrien Springs, Michigan, E.U.A. Por 11 anos ele trabalhou como professor de religião na Sheyenne River Academy e Andrews Academy, e tem ensinado “Métodos Especiais no Ensino da Religião Secundária” na Andrews University. Ele é um dos contribuidores no Teacher’s Guide for Special Methods Course: Teaching Religion in the Secondary School, da Divisão Norte-Americana.

NOTAS E REFERÊNCIAS

1. Christopher B. Adsit, *Personal Disciple Making: A Step-by-Step Guide for Leading a Christian From New Birth to Maturity* (San Bernardino, Calif.: Here’s Life Publishers, 1988), pág. 78.
2. Kenneth O. Gangel, *The Church Education Handbook* (Wheaton, Ill.: Victor Books, 1985), pág. 163.
3. John H. Westerhoff, *Tomorrow’s Church: A Community of Change* (Waco, Texas: Word Books, 1976), pág. 24.
4. *Teacher’s Guide for Special Methods Course: Teaching Religion in the Secondary School*, preparado pelo Departamento de Educação da Divisão Norte-Americana, 1984. Consulte com o Departamento de Educação da sua União ou Associação quanto à possibilidade de se conseguir uma cópia.
5. Adsit, pág. 35.
6. Phoebe M. Anderson e Thomas R. Henry, *Teach What You Preach: The Great Commission and the Good News* (New York: Pilgrim Press, 1982), pág. 2.